

05-01-2023

A escrita e a leitura, voos fora do ovo e dentro da vida

Alan Machado

[Doutor em Educação, linguista, psicanalista e professor da Universidade Estadual de Goiás]

Falar sobre escrita é tão difícil e pretensioso quanto produzir escrita, mas se nós produzimos escrita à revelia das dificuldades e a reboque das pretensões, podemos falar também desse ofício, nem que seja para nos engodar um pouquinho mais na vida, ou viver um pouco mais pela escrita. Daí é justo dizer da importância fundamental da leitura como um pacote diário de experiências que somamos às nossas vivências. Essa soma tende a ampliar a capacidade de sentir o passar do tempo e nos levar a perceber a casca dos engodos cristalizados como saber se despregarem dos nossos desejos feito a casca de um ovo.

A insistirmos nessa imagem oviforme como metáfora da vida que precisa ir adiante, quando a casca do ovo é rompida e despedaçada pelo ser ali formado, a avezinha incauta começa a experimentar o amplo mundo além do claustro outrora impermeável que a comprimia na perfeita compleição, verdade límpida aos sentidos condicionados, medidos pelo aperto domado e anestesiado pelas certezas. Os gestos de escrita e de leitura nos devolvem exatamente esse incômodo diante das certezas e das verdades que se fecham sobre nós e que nos fecham para o mundo.

O impulso à escrita e à leitura promovem, a partir daí, o rompimento paulatino com os limites, num passo a passo rumo ao desconhecido que rende um alongamento da experiência temporal. Como observa Pierre Fédida: *“Somente a escrita tem o poder de denunciar o saber e de fazer aflorar no texto a vida pulsional do pensamento. (...) A superfície produzida no ato de escrever é a da pele: a escrita é uma zona erógena.”*

Diria que ler é trilhar na mesma superfície epidérmica da escrita.

É isso: ler e escrever correspondem a romper cascas, a sair do ovo cotidianamente. E seguir para onde o desejo lateja, para onde o prazer faz voltas, criando uma bolha sem saída. O sentido da escrita e também da leitura é palmilhar, tatear, seguir, insistir até esgarçar o abcesso expondo o saber e o sabor de novos horizontes. Quem está dentro do ovo não enxerga mais que suas paredes aparentemente claras e límpidas até cair um livro nas mãos, até organizar uma cadeia de signos que faça furo ou fenda expondo o mundo em sua insuficiência, até os pensamentos como espátulas começarem a revolver as cascas dos engodos.

Essa imagem do ovo, pensamos ter colhido em Clarice Lispector, mas nos lembramos agora que veio de Hermann Hesse, do belo romance de formação *“Demian”* onde Hesse diz: *“A ave sai do ovo, o ovo é o mundo; quem quiser nascer tem que destruir um mundo”*.

Nessa obra, testemunhamos o memorável embate, que merece ser relido, entre os personagens Emil Sinclair e Max Demian. Ali, conclui Hesse, ainda a respeito das rupturas que alargam as vivências: *“Todos levam consigo, até o fim, viscosidades e cascas de ovo de um mundo primitivo”*.

Eu diria mais, poderíamos sim enxergar as cascas diárias das rupturas que escondemos de nós mesmos ou que se escondem no nosso sonho de habitantes eternos de um único e inviolável ovo. Esse pequeno desvio pelas mãos de Hesse não nos afasta do assunto. Não se trata de negar a dificuldade, nem de afirmar um lugar daquele que escreve e fala e lê.

Trata-se, em nosso entender, de apontar para o caminho que é o de vivenciar para escrever e de escrever para vivenciar até o processo ganhar a liga de indiscernibilidade que lhe é característica.

É isso, e não é novidade alguma, escrever e viver são tão próximos que são indiscerníveis. Escrever é de alguma maneira testemunhar a vida acontecendo e colocar fichas ao longo do trajeto. O tempo pode até se estreitar e apagar a memória, mas o caminho marcado pelas fichas da escrita se estende ao longe e nos devolve a condição de recuperar a experiência pela leitura dessas fichas. Vejam aí a importância da leitura como reelaboração e encontro com o sabor da experiência perdida.

Como diria um saudoso amigo escritor, Vitor Hugo Fernandes Martins, bem ao modo de Décio Pignatari (ou seria de Guimarães Rosa?) escrever é escrever. Coisa que esse nosso tempo de redes sociais e de descartabilidade relâmpago de tudo que nos cerca, nos afasta cada vez mais. Por isso tendo a dizer, trazendo na memória fichas catadas no caminho, coisas colhidas em Hesse, Fédida, Pignatari, Freud, Lacan e Benjamin, entre outros cujas vozes fogem ao meu domínio, que a indiferença em relação à literatura reinante nos dias de hoje tem explicação. A literatura é o lugar mais vívido da escrita, é um domínio do tempo, promove a preservação e o alargamento do tempo, aquilo que é explicitamente comprimido nos dias de hoje para sustentar esses modos empobrecidos e ocasionalmente funcionais de estar no mundo. Então ler e escrever são coisas necessárias porque é preciso sentir a densidade da vida. E viver, claro, é fundamental principalmente fora do ovo.

Os livros

*Esses vastos campos cultivados
Nas folhas, em se plantando tudo dá...
Fronteiras de média entropia
Em que o leitor insufla mais desordem
Seguindo uma ordem que é sua
Esses campos prolíficos
De não-coisas insistentes
De coisas cuja gravidade dissipada
Marca indelevelmente a pele do leitor
Os livros, essas vastas extensões
De volumosas safras silenciosas
Para quem corre ao longo da cerca
Sem sequer olhar
Para quem, fora da cerca
faz florir estações.*

Alan Machado

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.